



## "Escola de Espectador", o Teatro como Extensão e Cidadania

*School of Spectator, Theater as Extension and Citizenship.*

### Resumo

Esse trabalho pretende trazer algumas reflexões sobre a experiência do projeto de extensão Escola de Espectador realizado em parceria entre a Universidade Federal de Juiz de Fora e o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação. Em seus 32 anos de atuação, o projeto leva escolas, núcleos e comunidades ao Teatro contribuindo para a formação de espectadores de classes populares. Faremos uma breve análise da participação dos núcleos atendidos pelo projeto durante as comemorações dos 50 anos do Grupo Divulgação, ocorrido no primeiro semestre de 2016. Observou-se a participação dos estudantes durante as apresentações e suas opiniões sobre os espetáculos. As temáticas sociais apresentadas no palco são aprofundadas em sala de aula, por meio de atividades pedagógicas desenvolvidas por alunos e professores. Os resultados são positivos e apontam para a contribuição do teatro para a construção da cidadania.

Palavras-chave: Teatro; Cidadania; Escola de Espectador; Grupo Divulgação.

Márcia Cristina Vieira Falabella\*  
Messias Matheus de Jesus

Universidade Federal de Juiz de Fora  
E-mail: marcinhafalabella@gmail.com\*

*Abstract*

*This work intends to bring some reflections on the experience of the extension project School of Spectator executed in a partnership between the Federal University of Juiz de Fora and the Center of Theater Studies - Grupo Divulgação. In its 32 years of operation, the project takes schools, centers and communities to the Theater, contributing to the formation of spectators of working classes. We will make a brief analysis of the participation of the centers attended by the project during the celebrations of the 50 years of Grupo Divulgação, which happened in the first semester of 2016. Student participation was observed during the presentations and their views on the performances. The social themes presented on stage are deepened in the classroom, through pedagogical activities developed by students and teachers. The results are positive and point to the contribution of theater to the construction of citizenship.*

*Keywords: Theater; Citizenship; School of Spectator; Grupo Divulgação.*

## INTRODUÇÃO

O teatro é em si uma ação de extensão. É uma atividade que só se realiza diante de uma comunidade que se encontra em um mesmo local, um mesmo determinado momento para celebrar uma narrativa de vida. Como bem descreve a diretora francesa Ariane Mnouchkine, “... o teatro é, durante algumas horas, uma utopia. 600 pessoas que respiram juntas, que não se matam, que não brigam todo o tempo, que se olham, que se falam. O teatro é um reflexo daquilo que o mundo poderia ser”<sup>3</sup>. Essa utopia, porém, está longe de ser realidade, uma vez que apenas uma pequena parcela da população frequenta as casas de espetáculo. A verdade é que o teatro é um bem cultural consumido por poucos, seja por questões econômicas, sociais ou culturais. No entanto, ele deveria ser, como idealizou o ator e diretor francês Jean Vilar, um alimento também indispensável à vida como o pão e o vinho. “Um serviço público como o gás, a água e a eletricidade” (LOYER, 1998, p.96).

Quando nasceu o Grupo Divulgação, como um Centro de Estudos Teatrais, em julho de 1966, na cidade de Juiz de Fora, a ideia de um grupo de estudantes da antiga FAFILE – Faculdade de Filosofia e Letras era, inicialmente, estudar teatro. Logo veio o desejo do palco para transformar em prática a teoria assimilada e as peças estudadas. E um dos pontos que impulsionou a ação daqueles jovens idealistas, que viviam toda a agitação política daqueles anos de chumbo, era a chance de dividir com o público aquilo que os arrebatava: a poesia e os grandes textos da dramaturgia universal. A guerrilha daquele momento para esses estudantes era conquistar um público local, com o qual pudessem contagiar e compartilhar a força desse encantamento.

Assim começa uma trajetória que, em 2017, completa 51 anos de caminhada artística ininterrupta, com mais de 120 montagens com o núcleo principal, sem contar os espetáculos realizados também com os núcleos de adolescentes e terceira idade. O lema norteador de todo o trabalho da companhia, durante todos esses anos, vem de uma frase do dramaturgo espanhol Federico García Lorca: “Mede-se a cultura de um povo pelo teatro”. Integrados numa mesma equação estão a cultura, o povo e o teatro. Nessa perspectiva, a arte teatral como um instrumento transformador de uma comunidade foi, aos poucos, ganhando contornos mais definitivos para os caminhos da companhia, sobretudo, quando o Divulgação participou da Barca da Cultura, em 1974.

A Barca da Cultura foi uma ação idealizada por Paschoal Carlos Magno, que percorreu durante 45 dias, 55 cidades de Pirapora até Petrolina, subindo o Rio São Francisco com a barca “Juarez Távora”, que contava com uma tripulação de 100 passageiros, entre estudantes, técnicos, produtores, assistentes, jornalistas, professores e artistas de várias áreas do Brasil. O intuito era levar às populações ribeirinhas e do interior das regiões percorridas espetáculos de teatro, folclore, canto, música e balé, além de oficinas de arte e distribuição de livros.

Ao lado do Grupo Divulgação, estiveram o Ballet Stagium e a Orquestra Jovem do Theatro Municipal de São Paulo, o Grupo Folclórico do Conservatório Nacional de Música do Rio de Janeiro, o Coral de Câmara da Universidade de Ponta Grossa, o Tea-

BAGNERA, Diego. Los deseos de Ariane Mnouchkine. Disponível em: <http://diegobagnera.com/exhibir/los-deseos-de-ariane-mnouchkine-para-2014/>

Acesso em 19 de abr. de 2017.

4 EGYPTO, Luiz Augusto. Pus meu sonho num navio e o navio em cima do mar. *Jornal da Cultura*. Nº 2, maio, 1974, p. 8

EGYPTO, Luiz Augusto. Pus meu sonho num navio e o navio em cima do mar. *Jornal da Cultura*. Nº 2, maio, 1974, p. 8

tro do Estudante do Paraná, a soprano Maria Domicia e o violinista clássico Francisco Araújo<sup>4</sup>.

Esse projeto de caráter cultural, social e político, multidisciplinar em essência, visando a difusão cultural e atingindo regiões e comunidades menos favorecidas, deu ao Divulgação uma nova perspectiva e um novo fôlego. Assim, após essa experiência impactante, o grupo começa a se apresentar também em vários bairros menos favorecidos da cidade. Os espetáculos eram feitos em diversos espaços como praças, escolas, pátios de igrejas etc. Depois de um determinado momento, o grupo, que já tinha como casa o Forum da Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também realiza suas apresentações regulares, resolve inverter a rota: ao invés de levar o teatro até as pessoas, traz essas pessoas até o teatro. E dá, assim, a esse público a possibilidade da experiência estética do teatro de maneira integralizada. De acordo com José Luiz Ribeiro, diretor e um dos fundadores do Grupo Divulgação:

*Deixamos de fazer um teatro de rua, uma vez que virou moda. Se todo mundo já estava fazendo, qual a necessidade de nós fazermos também? Através dessa outra vertente podíamos nos dedicar a um aprimoramento estético, de linguagem e, principalmente, acostumar o público a ir ao teatro, porque seria uma forma de dar continuidade a um trabalho, substituindo aquele evento, que aparecia como um circo, por uma atividade rotineira, com continuidade. (FALABELLA, 2004, p. 97).*

Esse pensamento vai de encontro ao que Jean Vilar colocou em prática no Théâtre National Populaire (T.N.P.), no período de 1951 a 1963, na França, estabelecendo uma política de público baseada sobre três pilares: a afirmação do teatro como serviço público, a invenção do público como categoria de ação e a elaboração de uma série de procedimentos e dispositivos que visavam integralizar público e cena. A partir dessa concepção, o teatro deixava de ser um privilégio de classes sociais mais favorecidas. E um dos aspectos desenvolvidos por essa política era dar ao público popular espetáculos de qualidade e montagens de textos clássicos e contemporâneos.

A partir dessa conjunção de fatores, em 1985, José Luiz Ribeiro e Reginaldo Arcuri, então Superintendente da Funalfa (Fundação Alfredo Ferreira Lage, da Prefeitura de Juiz de Fora), criaram em parceria os programas O povo vai ao teatro e A escola vai ao teatro. A prefeitura fornecia o transporte para que os estudantes de escolas públicas, municipais e estaduais, e comunidades carentes da cidade e região fossem gratuitamente ao teatro, nas apresentações de espetáculos do Grupo Divulgação. Seguindo os preceitos do T.N.P., o Divulgação, que ao longo de sua trajetória se preocupou em construir um repertório de qualidade, inaugura o projeto com a montagem de Fausto, de Goethe, numa versão livre assinada por José Luiz Ribeiro.

Em reportagem do Correio da Mata, de 14 de junho de 1985, o ator Toninho Buda, que interpretava o papel-título do espetáculo, deu um depoimento afirmando

Hoje, a ocupação máxima do teatro do Forum da Cultura é de 200 lugares.

que em três semanas de apresentações, o público alcançado era de 3 mil espectadores, um número extremamente significativo num teatro de 248 lugares<sup>5</sup>. Assim, os projetos de popularização do teatro promoveram uma ampliação significativa do público da companhia.

Foi um começo desafiador e num certo sentido conturbado. O público intelectualizado que acompanhava os espetáculos do Grupo Divulgação levou um choque ao dividir a plateia com espectadores que se vestiam e cheiravam mal, e ainda não sabiam se comportar interagindo com a cena, gritando ou falando como se estivessem diante da TV. Os próprios atores, muitas vezes, reclamavam. Com isso, se o projeto era uma escola de espectadores, foi também uma escola de atores que agora tinham que se adaptar a uma plateia popular bem nos moldes shakespearianos. Criticava-se também a exibição de um clássico como Fausto para pessoas que mal sabiam assinar o próprio nome.

*O público popular reage de maneira espontânea, extrovertida e, por vezes, exagerada, livre das determinações sociais de bom comportamento. É o momento da festa. A seu modo, essa plateia decodificava os espetáculos. Isso ficava muito nítido durante os debates realizados com o público, após as apresentações, em que se discutiam os conflitos e os aspectos básicos da peça. E, na grande maioria das vezes, os espectadores acabavam definindo ligações imediatas da cena com a própria realidade. (FALABELLA, 2004. p. 98-99).*

### Como funciona o projeto?

No decorrer dos anos, o projeto Escola de Espectador se tornou um elo entre o público e o teatro, ao integrar a comunidade, em sua maioria carente de produto cultural de qualidade, a um espaço acolhedor e desconhecido de muitos. Em um primeiro momento foi realizado um levantamento das escolas públicas municipais e estaduais, comunidades carentes, grupos religiosos e sociais de Juiz de Fora, assim como de outras cidades vizinhas localizadas na Zona da Mata mineira. Com o passar dos anos, novas escolas e novos grupos foram acrescentados no cadastro totalizando cerca de 200 estabelecimentos.

Em 2017, a Escola de Espectador completa 32 anos de atuação. Em mais de três décadas, milhares de crianças, jovens e adultos assistiram a espetáculos, gratuitamente, por meio da iniciativa que envolve a parceria entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Faculdade de Comunicação da UFJF e o Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação. Atualmente, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Falabella e com a parceria do Prof. Dr. José Luiz Ribeiro, o projeto de extensão conta com a colaboração de dois bolsistas que são alunos da UFJF. A atuação dos bolsistas é fundamental para a manutenção do projeto. O trabalho dos acadêmicos engloba o cadastro das escolas e instituições, o convite e agendamento para assistirem aos espetáculos, as reservas dos lugares, a recepção e o encaminhamento dos estudantes para o teatro. Eles também aplicam e realizam a tabulação de um questionário de sondagem de opinião que



é feito após as apresentações. Além dos bolsistas do projeto, funcionários do Forum da Cultura e bolsistas de outros projetos também auxiliam direta ou indiretamente na recepção dos espectadores.

A Escola de Espectador possui uma organização sistemática que envolve etapas a serem cumpridas durante todo o ano. Na primeira etapa, geralmente no início do ano, é feita a atualização do cadastro dos núcleos participantes; os bolsistas organizam planilhas com os dados das escolas (endereço, telefone e e-mail) juntamente com os nomes dos diretores, coordenadores ou professores que se comprometem em trazer seus alunos para o teatro. Esse processo é fundamental e imprescindível para a eficácia do diálogo com as instituições. Depois que é definido o espetáculo e o calendário das apresentações do Grupo Divulgação, é feito um mapa de reservas com todas as datas e lugares disponíveis para o projeto. Os bolsistas são inteirados sobre a temática do espetáculo, têm acesso a textos explicativos e recebem orientações da coordenadora do projeto e do diretor do GD. Munidos das informações, eles seguem para a segunda etapa que inclui o contato com os representantes das instituições por meio de ligações telefônicas e de envio de textos de divulgação dos espetáculos, via e-mail.

Conforme os contatos são feitos, os agendamentos são realizados visando uma data adequada para o recebimento dos espectadores. Cada instituição tem direito de levar no mínimo 50 estudantes por vez ao teatro, porém abre-se espaço para adequações de acordo com a realidade de cada escola. Normalmente são recebidas até quatro escolas por apresentação, respeitando a capacidade máxima do espaço que é de 200 lugares. Na maioria das vezes são feitos mais de um contato até o agendamento final, e, na semana da apresentação, os bolsistas ligam para confirmar a vinda das escolas ou remanejá-las em caso de desistência.

No dia da apresentação, os estudantes são recepcionados na portaria da Forum da Cultura e iniciam um mergulho cultural nas dependências do casarão histórico. Construído na década de 1920 para fins residenciais, o casarão foi comprado pela UFJF para abrigar a Faculdade de Direito entre os anos de 1953 a 1971. Em 1972, o espaço foi transformado em Forum da Cultura/UFJF e, atualmente, abriga o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, o Museu de Cultura Popular, a Galeria de Arte e o Coral da UFJF. As escolas são recepcionadas e conduzidas pelos bolsistas do projeto de extensão ao Museu e à Galeria, onde são apresentadas as exposições em cartaz.

As visitas mediadas proporcionam aprofundamento sobre a cultura regional e nacional por meio das histórias orais e da construção dos saberes coletivamente. Durante essas visitas, os estudantes e os professores fazem perguntas, questionam e também relatam suas experiências sobre as temáticas das exposições e sobre a história do casarão. Quando chegam ao Teatro, os estudantes são recebidos pela equipe de apoio composta por atores do Grupo Divulgação e acomodados em seus lugares. A conclusão do trabalho se dá quando as cortinas se fecham, deixando no ar o encantamento e o brilho nos olhos dos espectadores e a esperança do retorno do público.

Experiências do projeto Escola de Espectador no Jubileu de Ouro do Grupo Divulgação.

## MÉTODOS

Como visto acima, o presente artigo pretende trazer algumas reflexões sobre a experiência do projeto Escola de Espectador em seus 32 anos de atuação, e a sua contribuição na formação de espectadores de classes populares. Para tanto, faremos uma breve análise da participação dos núcleos atendidos pelo projeto durante as comemorações dos 50 anos do Grupo Divulgação. O foco do trabalho se dará sobre os dois espetáculos comemorativos encenados no primeiro semestre de 2016: Anjos e desarranjos (infantil) e Romeu e Julieta (adulto).

Tomaremos como base, informações do Relatório do Projeto de Extensão Escola de Espectador produzido no primeiro semestre de 2016, que abarca informações como, por exemplo, número de público, escolas e comunidades que assistiram aos espetáculos, questionário com sondagens de opinião, entre outros dados. Faremos uso também de relatos orais de pessoas envolvidas no projeto e também de espectadores. Pretendemos com este trabalho compartilhar um pouco das vivências e dos desafios do projeto em levar cultura e arte a um público carente de opções de entretenimento.

## ANÁLISES E REFLEXÕES

O Grupo Divulgação (GD) possui uma programação eclética e dinâmica que inclui a apresentação de espetáculos clássicos, textos dos mais importantes autores nacionais, além de possuir uma dramaturgia própria, engajada e que dialoga com a realidade social, por meio dos textos assinados pelo dramaturgo José Luiz Ribeiro. O GD é composto pelo núcleo principal formado por universitários, além dos núcleos da terceira idade e de adolescentes. Geralmente, o núcleo principal apresenta dois espetáculos no primeiro semestre sendo um infantil e um adulto, e outro espetáculo adulto no segundo semestre, com cumprimento de dois meses de temporada cada um.

Para celebrar os 50 anos de fundação do Grupo Divulgação, ocorrido em julho de 2016, foi criada uma programação comemorativa que incluiu exposições, lançamento de livro e apresentação de espetáculos de todos os núcleos. O núcleo principal apresentou o espetáculo infantil "Anjos e desarranjos", texto e direção de José Luiz Ribeiro e o clássico Romeu e Julieta, de William Shakespeare, com versão e direção de José Luiz Ribeiro.

Dedicado ao público infantojuvenil, Anjos e desarranjos cumpriu temporada aos sábados e domingos, entre 30 de abril e 03 de julho de 2016, com apresentações sempre às 16h45. Na trama, assinada e dirigida por José Luiz Ribeiro, cinco anjos fazem curso, no Céu, para se tornarem Anjo da Guarda. Para concluir o treinamento, os anjinhos passam pelo tão temido exame final, onde a Dona Arcanja avalia o desempenho dos alunos. Como missão final, os anjos são enviados à Terra, disfarçados de meninos, para escolherem os seus protegidos.



O espetáculo fez parte do projeto Escola de Espectador e teve a adesão de 27 instituições entre escolas públicas, paróquias e grupos assistenciais, totalizando 1.144 espectadores. Seguem os nomes das instituições e o número de participantes, respectivamente: Escola Municipal Áurea Bicalho (157 alunos), Escola Estadual Delfim Moreira (113), CRAS Silverânia (111), Escola Municipal de Maripá (59), Catequese Nossa Senhora da Penha (55), Escola Estadual Almirante Barroso (43 alunos), Comunidade Nossa Senhora Aparecida (11), Escola Municipal José Dondici (25), Grupo Escoteiro Aimoré (30), Escola Municipal Lions (41), Escola Estadual Clorindo Burnier (32), Comunidade Cristo Amor Misericordioso (26), Escola Estadual Joaquim Delgado de Paiva (46), Paróquia São Pedro (47), Escola Municipal Padre Caetano (38), Paróquia São Geraldo (22), Escola Estadual Henrique Burnier (20), Paróquia Santa Rita de Cássia (39), Viva a Vida Melhor Idade (9), Paróquia Nossa Senhora de Lourdes (40), Escola Municipal Santa Cecília (25), Escola Estadual Deputado Oliveira Souza (50), Escola Municipal Quilombo dos Palmares (15), Escola Municipal Dom Justino José de Sant'Ana (27), Escola Estadual Estevão Pinto (20), Pastoral do Rosário (26) e Escoteiros Caiuás (17).

O público infantil é muito honesto em suas atitudes; sendo assim, são notáveis as reações dos pequenos espectadores durante a apresentação do espetáculo. Eles interagem espontaneamente, riem, cantam e até interrompem as falas dos atores. Em "Anjos e desarranjos", não foi diferente. Em vários momentos, percebemos a interação do público com os atores em cena, seja cantando as músicas, ou dando a opinião sobre o que é certo ou errado.

*O público infantil é muito brincalhão e entra no jogo teatral com mais força. A história dos meninos de rua que acabam salvando os anjinhos é importante porque fala da solidariedade e que no fundo existem seres humanos e amorosos. Isso está fixo na mente das crianças; além de lições como o lixo limpo na rua, pois é importante que o teatro infantil fale sobre esses assuntos porque quando a criança vê isso no palco é diferente de quando a mãe diz para o filho não jogar o papel de bala no chão. Quando ele vê o herói consertando alguma coisa, a criança muda de atitude também. (José Luiz Ribeiro, idealizador da Escola de Espectador e diretor do Grupo Divulgação).*

Em determinada parte do espetáculo, para obter a nota máxima e ser aprovada como Anjo da Guarda, a “anjinha” Ania tinha que fazer a oração de invocação dos Anjos da Guarda. Como estava muito nervosa e insegura, Ania contou com a ajuda dos espectadores; quando começou a declamar a oração “Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador...”, a plateia, em uma só voz, repetiu os versos do devocional católico que foi reconhecido pela maioria das crianças presentes. A interação com os atores e a troca de informação entre a plateia e o palco deu dinamismo ao espetáculo e também contribuiu para a formação de bagagem cultural dos espectadores.

A peça também mostrou a trajetória de cinco meninos desobedientes e mal-educados que viviam pichando os muros, esparramando lixo pelas ruas e calçadas e quebrando árvores e vidraças. Eles deram muito trabalho aos seus Anjos da Guarda, mas no final se regeneraram e mudam suas posturas. Nesse ponto, o espetáculo cumpriu o papel social ao abordar valores como justiça, a importância de se falar a verdade e de se preservar o meio. As crianças puderam, de forma lúdica, refletir sobre a postura dos personagens e também trazer para suas realidades tais valores discutidos nos espetáculos.

*“Gostei muito! Criativa, divertida e interessante. Muito educativa também!”*

*(Pedro Henrique, 8, estudante)*

*“A história é muito boa. Os que faziam coisa errada assumiram o que eles fizeram.”* *(Karen da Silva, 11, estudante)*

*“Aprendi que não posso mentir e nem fazer coisas ruins.”*

*(Luiz Gustavo, 8, estudante)*

A temática dos espetáculos é aproveitada como material de trabalho para atividades realizadas em sala de aula, como por exemplo, na confecção de desenhos, cartazes ou na produção de redações. Os professores ouvidos reforçaram a importância das temáticas abordadas no espetáculo.

*“Gostei dos ensinamentos para as crianças. O mundo precisa de seres humanos melhores e precisamos começar conscientizando as crianças.”*

*(Martha do Nascimento, professora)*

*“Excelente! Muito interessante e abordaram vários assuntos e problemas atuais, política, meio ambiente, respeito, etc. Parabéns.”*

*(Fátima de Campos, professora)*

*“Excelente e educativa, principalmente por trazer ensinamentos morais, tão necessários em nossa atual sociedade.”* *(Fernanda Baldutti, professora)*

*“Excelente, pois ensina de uma forma lúdica o que se deve ou não fazer, fazendo com que as crianças memorizem com mais eficiência.”*

*(Elaine Cristina Silva, pedagoga)*

*“MARAVILHOSA! Principalmente porque pontua pequenas normas de conduta que, se forem seguidas, farão uma tremenda transformação benéfica na vida da humanidade.”* *(Dagoberto Machado, professor)*

Alguns espectadores adultos também expressaram suas opiniões sobre a experiência teatral:

*“Uma peça infantil que as crianças adoram e os adultos como eu apreciam. Parabéns. Adorei ver as crianças interagirem com os artistas e eles com elas.” (Helen Ribeiro, aposentada)*

*“Estou aqui pela primeira vez, nunca vim ao teatro, foi muito bom e gostei muito. Quero, se puder, vir mais vezes.” (Maria Regina, 55, auxiliar de serviços gerais)*

*“Nós gostamos, é muito divertida e esperamos uma oportunidade de voltar de novo.” (Sophia Santos, 15, estudante)*

De acordo com dados do *Relatório Projeto Escola de Espectador 2016*, que foi formulado com base em um questionário aplicado ao público após as apresentações, as reações dos espectadores foram as mais positivas possíveis. Dos 1.061 entrevistados, a grande maioria elogiou o espetáculo infantil e também a atuação do Grupo Divulgação em promover a popularização do teatro na região.

No dia 8 de junho de 2016, o Grupo Divulgação estreou o espetáculo *Romeu e Julieta*, do dramaturgo William Shakespeare. Com versão e direção de José Luiz Ribeiro, o clássico da dramaturgia universal foi escolhido para celebrar os 50 anos de fundação do grupo. O espetáculo cumpriu temporada até o dia 3 de julho, com apresentações de quarta a domingo, sempre às 20h30min.

O drama envolvendo a briga entre famílias e o romance proibido entre os dois jovens de Verona atraiu muitos espectadores, o que ocasionou a lotação máxima do Teatro durante a temporada. As escolas cadastradas puderam levar os estudantes nas datas reservadas exclusivamente para o projeto, que funciona de quarta a sexta-feira.

A procura foi muito grande e os agendamentos foram preenchidos na segunda semana de divulgação. Percebeu-se o grande interesse dos professores pelo espetáculo, por se tratar de um clássico da dramaturgia, e pela temática servir de base para planejamento de atividades em sala de aula.

*“Fazer parte das comemorações dos 50 anos de Grupo Divulgação é sem dúvidas algo muito especial. O grupo preparou e planejou a festividade com muito carinho e o espetáculo *Romeu e Julieta* foi o início das comemorações “oficiais”. É claro que o projeto *Escola de Espectador* não ficaria de fora desse espetáculo tão importante para o grupo. O contato com as escolas cadastradas no projeto teve que ser mais rápido e também mais ágil, pois a peça ficou em cartaz por apenas um mês, pois era comemorativa. Em razão do agendamento para as escolas acontecer em dias de semana, e o espetáculo ser no período noturno, as escolas responderam de forma rápida e se interessaram bastante pelo convite. Dentro de duas semanas, grande parte*

*dos dias já estavam lotados, com quatro escolas cada um. Acredito que mesmo que a peça seja um clássico e que a linguagem seja um pouco mais formal, o público do projeto gostou bastante de ter contato com uma obra como essa. A interpretação dos atores e também o humor que foi empregado na medida certa na peça colaboraram para que a interpretação fosse completa. A exposição de fotografias sobre as peças de Shakespeare já apresentadas pelo Grupo Divulgação também ajudou bastante para que as escolas estivessem imersas no universo. Nas apresentações da peça Romeu e Julieta pude perceber que o projeto Escola de Espectador teve um papel duplo importantíssimo: permitir o acesso das pessoas ao teatro e a cultura e permitir que estas tivessem contato com a obra de um grande nome da dramaturgia, que é visto na maioria das vezes só em livros, tornando-se muito distante da realidade das instituições." (depoimento de Bruna Ogando – bolsista de extensão em 2016)*

No espetáculo adulto, 31 núcleos participantes do projeto de extensão compareceram ao Teatro totalizando 1.210 estudantes maiores de 12 anos de idade. Seguem os nomes dos núcleos e a quantidade de estudantes que assistiram ao espetáculo: Colégio de Aplicação João XXIII (133 alunos), Escola Estadual José Freire (87), Escola Estadual Hermenegildo Vilaça (79), Escola Estadual Delfim Moreira (80), Escola Estadual Prof. Saint'Clair (81), Curso Preparatório para Concursos – CPC (56), Escola Municipal Mercedes Nery Machado (51), Escola Estadual Duarte de Abreu (55), Escola Municipal Cosette de Alencar (50), Escola Estadual Presidente Costa e Silva (28), Escola Estadual Sebastião Patrus de Souza (13), Escola Municipal Henrique José de Souza (29), Pólo de Evolução de Medidas Socioeducativas – PEMSE (4), Escola Estadual Prof. Cândido Motta Filho (23), Viva a Vida Melhor Idade (14), Escola Municipal Profa. Marlene Barros (24), Escola Municipal Padre Wilson (19), Escola Municipal Núbia Pereira de Magalhães (27), Escola Estadual Cônego Joaquim Monteiro (45), Escola Estadual Duque de Caxias (38), Escola Municipal Pedro Marques (35), Escola Estadual Francisco Bernardino (10), Escola Municipal Quilombo dos Palmares (39), CESU- Custódio Furtado de Souza (35), Escola Estadual Henrique Burnier (25), Pro Jovem Urbano (42), Escola Estadual São Vicente de Paula (36), Escola Estadual Maria Ilydia (9), Escola Estadual Dilermando Costa Cruz (6), Escola Estadual Dep. Olavo Costa (25), Escoteiros Aimoré (12).

As reações foram as mais diversas entre o público jovem e adulto. Em determinados momentos, notava-se a tensão do público diante das constantes brigas, mortes e desencontros envolvendo os Capuletos e os Montecchios. Ao contrário, as tramas e as falas da Ama de Julieta levavam o público às gargalhadas, e os encontros entre os enamorados arrebataram suspiros e risos entre os espectadores.

*O espetáculo Romeu e Julieta mostrou pra mim a força do teatro. A cena do balcão, ou a cena do baile, em que o Romeu dá o primeiro beijo na Julieta, causou euforia na plateia. O interessante é que hoje, na sociedade, as pessoas se beijam de todas as formas e é algo muito normal; porém, na cena de beijo do espetáculo, as meni-*

*nas gritavam como se fosse algo escandaloso, em certo sentido. Isso significa que podemos ver uma cena no cinema ou na TV, mas o teatro mostra sua força; é o humano diante do humano; a emoção é diferente. Percebemos também que o “velho” Shakespeare continua a contar as mesmas histórias e as pessoas continuam a ver aquelas angústias de uma juventude contrariada; passamos a entender que o público dá o significado à obra. E assistir ao espetáculo vendo a força dele mostra que o teatro ainda é profundo para o ser humano.” (José Luiz Ribeiro idealizador da Escola de Espectador e diretor do Grupo Divulgação)*

O enredo clássico, a ambientação do cenário e figurino, e a trilha sonora contribuíram para a compreensão da mensagem transmitida no palco. Mesmo sendo um texto escrito há séculos, o significado da história se torna atual quando se comparado com as vivências e as disputas políticas e sociais da atualidade, é o teatro cumprindo o papel de oráculo. As respostas do público da Escola de Espectador, ao questionário realizado após a apresentação, são positivas e demonstram satisfação e aceitação à montagem do clássico.

*“Uma peça espetacular, graciosa e cativante. Linguagem de fácil compreensão, mas mantendo fidelidade à obra original.” (Marcus Vinícius, 15, estudante)*

*“Com humor e melancolia o clássico foi muito bem retratado.”  
(Ana Beatriz, 15 estudante)*

*“Como sempre um história comovente e atual, pois o rancor toma conta dos homens, mas o amor é maior, mesmo na morte.” (Eliane Sampaio, professora)*

*“Simplesmente fantástica, apesar de antiga a história, ela é bem atual.”  
(Geovana, 15, estudante)*

*“Texto bem adaptado, oferecendo uma boa visão da obra.”  
(Érica Silva, professora)*

*“Emoção e fantasia que nos conduzem aos tempos atuais.”  
(Patrícia Catrucci, professora)*

*“Espetacular. A história foi resumida com muita qualidade! A mensagem foi passada de forma incrível!” (Ana Paula, 33 anos)*

#### Outros apontamentos sobre a Escola de Espectador

Durante as três décadas de atuação, a Escola de Espectador se tornou refe-

rência para espectadores, educadores e bolsistas, e também ganhou visibilidade na comunidade acadêmica. Além de oferecer bagagem cultural para os espectadores, a iniciativa também contribui para a formação acadêmica dos bolsistas envolvidos no projeto.

*Tudo que tenho aprendido contribui demais para o meu crescimento pessoal e profissional. O contato com as escolas pessoalmente e pelo telefone pede responsabilidade e seriedade com o que e como se fala; a recepção dos alunos e professores exige proatividade e simpatia; as histórias da casa e das exposições me ensinaram muito sobre cultura; para fazer as visitas desenvolvo um bom relacionamento com o público e estudo sempre sobre o que vou falar. Mesmo que indiretamente, o convívio com pessoas diferentes me proporcionou e continua me proporcionando a possibilidade de ampliar horizontes. O Grupo Divulgação é uma fonte rica de conhecimento e ter contato com um pouco da história desse grupo fez com que eu entendesse ainda mais o poder social que a cultura tem na vida das pessoas e o quanto ela pode transformar as realidades." (Depoimento de Bruna Ogando – bolsista de extensão em 2016)*

*Assim que soube da oportunidade bolsa no Forum da Cultura, fiquei muito empolgada já que eu poderia misturar o teatro com atividades acadêmicas relacionadas à comunicação social. Quando cheguei, fui muito bem recebida por todos os funcionários e pelo pessoal do Grupo. Assisti à peça na primeira oportunidade e repeti a dose várias vezes após a meu horário de trabalho porque era realmente muito cativante. Além das atividades, nas quais desenvolvi ainda mais minha capacidade de organizar, contabilizar e redigir, aprendi coisas novas, como clipping e montagem de exposição de peças, além de ter conhecido pessoas maravilhosas que trabalham no Forum e no Grupo Divulgação. (...) Sendo assim, agradeço a chance dada e os parabéns por esse comprometimento e empenho de popularizar e facilitar o acesso à cultura as pessoas. (Depoimento de Lorena Rocha – bolsista em 2016)*

A receptividade e participação das escolas são expressivas e positivas, no entanto, notam-se também alguns entraves que dificultam o acesso de mais estudantes aos espetáculos teatrais, como a limitação em conseguir ônibus para transportar os alunos e a falta de engajamento de alguns professores e diretores com o projeto. Busca-se a todo o momento a compreensão das diversas realidades dos núcleos participantes. O palco se mostra como um espaço revelador dos principais problemas da atualidade e, através das peças apresentadas, é possível discutir a realidade e a sociedade de maneira crítica, permitindo aos participantes construir sua cidadania através desse contato com a arte teatral, tanto para o público infantil, quanto para o público adulto.

Nesse sentido, *A escada de Jacó* (1995), de José Luiz Ribeiro evitou que uma família colocasse a mãe numa clínica para idosos. Era sempre 1º de abril (1990), também de José Luiz, foi uma catarse para um público que viu sua poupança ser confiscada pelo governo Collor. Debates calorosos eram realizados após as apresentações. O conto da morcegada (2014), do mesmo autor, buscava conscientizar as crianças para os problemas ecológicos, a necessidade dos morcegos para o equilíbrio ambiental, uma vez que estavam sendo rechaçados em algumas regiões do país. Cada peça a seu modo e a seu tempo, provoca uma reflexão e uma ação. Esses são apenas alguns exemplos de como a cidadania pode ser celebrada através da cena, pela comunhão do palco e da plateia.

O impacto dos espetáculos junto ao público do projeto vai muito além dos aplausos. O conteúdo das peças provoca, por exemplo, o enriquecimento de práticas pedagógicas com produção de textos ou desenhos sobre o tema abordado, discussões em sala de aula, sugestão de montagens teatrais na própria escola. Cria-se também o hábito de frequentar teatro além dos dias reservados ao projeto. Muitos espectadores retornam aos espetáculos do Grupo Divulgação sem ser com suas escolas ou comunidades. Nos primeiros anos, constatou-se um aumento significativo de pessoas negras na plateia de sábado e domingo, em temporadas para público adulto. Há uma fidelização de espectadores, que cresceram assistindo aos espetáculos do grupo e agora retornam com seus filhos e mesmo netos. Outra constatação foi a ampliação do interesse de estudantes por atividades teatrais nas suas próprias escolas e mesmo fora dela. Alguns espectadores que integravam o projeto chegaram, inclusive, a integrar o elenco do Grupo Divulgação.

Hoje, a Escola de Espectador tem como desafio trazer ao teatro um público cada vez mais seduzido pelas tecnologias e por todo um conjunto de oportunidades de diversão oferecidas em outro palco, a internet. Também alguns educadores já não são os mesmos. Muitos não demonstram comprometimento em formar cidadãos, outros desconhecem a potencialidade pedagógica do teatro. Sem contar o receio da violência. Muitas vezes, os professores acham arriscado sair da escola com um grupo de alunos. É outro panorama, mas ainda assim, o Grupo Divulgação acredita no teatro transformador, capaz de emocionar e fazer refletir ao mesmo tempo.

*Houve uma invasão tecnológica, onde as pessoas ficam cada vez mais individualistas em seus celulares; elas começaram a trazer isso também para o teatro. No meio do espetáculo, eles mexem no celular, filmam e fotografam; isso é o reflexo da fragmentação da sociedade. O teatro é uma arte tribal e depende da interação entre seres humanos, ou seja, um humano diante do outro. Nessa sociedade que está menos humanizada, as pessoas estão cada vez mais virando máquinas. (José Luiz Ribeiro idealizador da Escola de Espectador e diretor do Grupo Divulgação)*



## CONCLUSÃO

Acreditamos que o projeto de extensão Escola de Espectador cumpre importante papel em difundir cultura e promover cidadania através do acesso gratuito a espetáculos teatrais. A iniciativa ganhou credibilidade e respeito na comunidade acadêmica e na região, por se apresentar como uma proposta engajada que demonstra organização e respeito com os grupos, escolas e núcleos atendidos.

A parceria celebrada entre a Universidade Federal de Juiz de Fora e o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação comprova que é possível a criação e execução de projetos de extensão de qualidade para classes da sociedade que ainda são excluídas dos espaços e propostas culturais. É o conhecimento e a bagagem cultural rompendo os limites físicos da universidade e indo de encontro às comunidades.

Espera-se que essas reflexões contribuam para a divulgação da Escola de Espectador, assim como os benefícios de sua atuação na formação cultural de cidadãos mineiros.

## REFERÊNCIAS

- [1] **Bagnera, Diego.** Los deseos de Ariane Mnouchkine. Disponível em: <http://diegobagnera.com/exhibit/los-deseos-de-ariane-mnouchkine-para-2014/>. Acesso em 19 de abr. de 2017.
- [2] **Correio Da Mata.** Divulgação bate recorde com “Fausto”. Juiz de Fora, 14/06/1985, p. 3.
- [3] **Egypto, Luiz Augusto.** Pus meu sonho num navio e o navio em cima do mar. Jornal da Cultura. Nº 2, maio, 1974, p. 8.
- [4] **Falabella, Márcia.** Grupo Divulgação: o teatro como devoção. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.
- [5] **Loyer, Emmanuelle.** Le Théâtre National Populaire au temps de Jean Vilar (1951-1963). In: Vingtième Siècle, revue d’histoire, nº 57, janvier-mars 1998. p. 89-103. Disponível em: [http://www.persee.fr/xs\\_0294-1759\\_1998\\_num\\_57\\_1\\_3712](http://www.persee.fr/xs_0294-1759_1998_num_57_1_3712). Acesso em 18 de abr. de 2017.
- [6] **Relatório Do Projeto De Extensão Escola De Espectador.** Espetáculos: Anjos e desarranjos e Romeu e Julieta. Ano 2016
- [7] **Ribeiro, José Luiz.** Diretor do Grupo Divulgação e idealizador da Escola de Espectador. Entrevista concedida para este trabalho, em 18 de abr. de 2017, no Forum da Cultura da UFJF, Juiz de Fora, MG.